

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Cognition
and
Translatability

Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções?

Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução

Alexandra Lopes
e Maria Lin Moniz [coord.]



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
EDITORIA

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

Maria Lin Moniz¹

Resumo: O presente estudo pretende responder, mesmo que parcialmente, a algumas das questões que a investigação acerca da censura ao livro durante o Estado Novo deixou em aberto: qual o verdadeiro alcance, ou melhor, qual o efeito prático das proibições impostas às obras submetidas à censura, em particular às obras estrangeiras? Os livros proibidos chegaram ou não a ser publicados durante a ditadura? Circularam em tradução portuguesa ou em língua estrangeira? Foram publicados depois da Revolução de 1974?

Dada a impossibilidade de tratar todo o *corpus* num único estudo, centrámos-nos, a título exemplificativo, nas obras de divulgação científica e na literatura propriamente dita relacionadas com questões sexuais.

Palavras-chave: Censura; Estado Novo; Literatura erótica; Sexologia; Revolução de 1974.

1. Introdução

Da pesquisa levada a cabo por Teresa Seruya e Maria Lin Moniz nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo relativamente à censura ao livro durante o Estado Novo resultou o levantamento de cerca de 10 000 relatórios. A criação da Comissão de Censura e o seu funcionamento, bem como os critérios subjacentes à autorização ou proibição das obras submetidas a este organismo, ou da tipologia das mesmas, foram já tratados em diversos artigos e conferências².

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

² Ver Teresa Seruya 2006, 2010b; Teresa Seruya e Maria Lin Moniz 2008, 2013 e 2015.

Graças a um protocolo celebrado entre o CECC e a Torre do Tombo passou a ser possível consultar os relatórios *online*. Espera-se que tal consulta seja ainda mais facilitada pelo índice elaborado pelas mesmas investigadoras, do qual constam a data, o número do relatório, o título da obra e o nome do autor, o que permite ter uma ideia bastante clara das obras e dos autores que passaram pela Comissão de Censura ao livro. Não será possível ter uma ideia exata, uma vez que se encontram atualmente em falta, como já foi referido em diversas ocasiões, cerca de 2 060 relatórios, ou seja, cerca de 20% dos mesmos.

O presente estudo pretende responder, mesmo que parcialmente, a uma das questões que a investigação acerca da censura ao livro durante o Estado Novo deixou em aberto: qual o verdadeiro alcance, ou melhor, qual o efeito prático das proibições impostas às obras submetidas à censura, em particular às obras estrangeiras?

2. Metodologia

A fim de encontrar resposta(s) a esta questão, procedeu-se primeiramente a um levantamento de todas as obras proibidas. Não foram considerados os casos em que não se encontra despacho formal, não obstante o parecer negativo do censor/leitor da Comissão de Censura, nem as proibições que viriam a ser anuladas posteriormente. Contabilizaram-se, assim, cerca de 2 900 proibições explícitas.

Sendo as obras estrangeiras o nosso objeto de estudo, foram excluídas as originalmente escritas em português e publicadas tanto em Portugal como no Brasil, bem como panfletos de propaganda política. Restaram cerca de 2 300 registos.

Dado o ainda elevado número de títulos, e a decorrente impossibilidade de tratar tão extenso *corpus* neste estudo, optámos por nos centrarmos nos textos de divulgação científica relacionados com questões sexuais e na literatura propriamente dita de cariz erótico/sexual. Embora com grande peso no total das obras estrangeiras proibidas pela Censura, ficaram excluídos deste estudo, por questões de (não) exequibilidade, as obras que se afiguravam de cariz político-ideológico.

Desta forma, passaram a constituir o nosso *corpus* de análise cerca de 1 000 registos (987 mais exatamente), o que representa quase 10% do total dos títulos avaliados pela Comissão de Censura ao livro entre 1934 e 1974, disponíveis na Torre do Tombo. Destes, considerámos 143 como obras de divulgação científica sobre sexologia (14,5%), e 844 como textos literários (85,5%).

Tendo definido o *corpus*, propusemo-nos avaliar o efeito prático das proibições e até que ponto a Censura foi verdadeiramente eficaz. Era nosso objetivo encontrar resposta para algumas questões, nomeadamente: os livros proibidos chegaram ou não a ser publicados durante a ditadura? Circularam em tradução portuguesa ou em língua estrangeira? Foram publicados depois da Revolução de 1974?

A forma que se nos afigurou mais exequível para esse fim foi verificar, na Porbase, todos os títulos apurados, a fim de determinar que obras chegaram a circular e sob que forma (se no original ou em traduções), durante o período de funcionamento da Comissão de Censura e depois da Revolução de 25 de Abril de 1974.

3. Obras de divulgação científica sobre sexologia

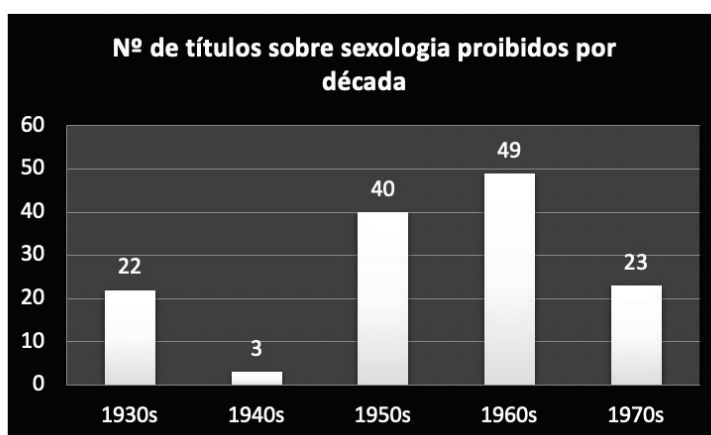


Gráfico 1 – N.º de títulos sobre sexologia proibidos por década

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

Como se pode ver pelo Gráfico 1, a década em que se registou o maior número de títulos proibidos (49) foi a de 1960, muito embora esta tendência se desenhasse já na década anterior. Considerando o contexto social e cultural destas duas décadas, marcadas pela contestação da moral vigente, pela crescente libertação sexual e emancipação das mulheres, estes dados não serão surpreendentes. Os dados permitiriam esperar tendência semelhante nos anos de 1970, se a Revolução de Abril não tivesse posto fim aos serviços oficiais de censura em 1974, uma vez que o número indicado (23) se refere a pouco mais de quatro anos³.

Tal como seria expectável, os pareceres negativos assentam sobretudo em critérios morais, sendo as obras ou os assuntos nelas abordados frequentemente qualificados de «escabrosos» e/ou «imorais». A apologia dos métodos contraceptivos, por exemplo, é «reprovável» (Rel. 6913/1961)⁴, enquanto a inseminação artificial «não é aceitável nem aceite pela nossa ética social ou pela moral cristã» (Rel. 6727/1960).

Como amostragem, aqui se registam alguns dos títulos que foram alvo de parecer negativo ao longo das décadas e respetiva justificação⁵:

- *Fisiologia e Técnica das Relações Sexuais*, pelo Dr. Van de Velde, simplesmente porque «o título diz o suficiente para justificar esta opinião» [a de não permitir a sua circulação] (Rel. 328/1936);
- *O Amor e o Matrimónio*, por L. Fridlaud, pela «falta de interesse científico e ainda pela escabrosidade do assunto». Segundo consta do relatório, trata-se de casos apresentados por um médico russo, de pessoas que o procuram no consultório «para lhe expor o seu estado doentio no que se refere às suas relações sexuais» e que «na forma de descrever esses estados mórbidos não pode fugir a apresentar assuntos escabrosos» (Rel. 3082/1947, sublinhados nossos);
- *Les cultes érotiques et leurs dépravations*, por Daniel Thomasson, por conter «descrições voluptuosas da mulher» (Rel. 4408/1950);
- *Sexologie, sexualité, erotisme* pelo Dr. N. H. Bernières, por fazer «a costumada

³ Será necessário ter igualmente em conta que o número de títulos indicado na década de 1930 se refere a apenas seis anos, uma vez que os serviços de censura começaram a funcionar em 1934.

⁴ Os relatórios serão sempre identificados pelo seu número e pelo ano em que foram redigidos.

⁵ Os títulos aqui indicados são os constantes dos relatórios.

especulação dos assuntos sexuais, a coberto de uma pretensa moral que não existe» (Rel. 7090/1962);

– *Kinsey et la sexualité*, por Alfred C. Kinsey e outros. O censor considera a obra «imoral», acrescentando que «muitos autores de mérito [a] consideram como pseudo-científica e exploradora, com fins mercantis, da credulidade fácil e da falta de consistência moral do grande público norte-americano satisfazendo-lhe as tendências eróticas e a propensão para o escândalo», além de que parte da obra «é constituída por um ataque cerrado ao puritanismo e à moral da Igreja» (Rel. 8040/1967);

– *Preconceitos e Verdades sobre Sexo*, por Frank S. Caprio, que «a bem da Moral [...] deve ser retirado do mercado, com proibição da sua venda», não obstante a reconhecida idoneidade do seu autor, um «psiquiatra e conselheiro matrimonial com trinta anos de prática» (Rel. 8708/1970);

– *A Revolução Sexual*, por Vance Packard, cujo princípio naturalista defendido, nomeadamente o de que nada deve ser proibido, «de nenhum modo se coaduna com o nosso padrão moral» sendo, por isso, de proibir «por inconveniência para a juventude» (Rel. 8732/1970);

– *Libertação Sexual da mulher*, por Rose-Marie Muraro. Embora o censor considere tratar-se «dum ensaio bem feito, de ataque à sociedade de consumo em que vivemos, afirmando que a luta é entre a cultura tecnológica e a contracultura que ela própria gerou», sendo a revolução sexual e a libertação «o final da luta», a obra é proibida. Tal proibição não deixa de ser surpreendente porquanto se informa, no próprio relatório, da existência, na «actual Universidade», de «colóquios sob o tema “Sociedade de consumo – sexualidade”» (Rel. 9357/1972);

– *L’onanisme ou le droit au plaisir*, por Jean-René Verdier, é proibido, não obstante o seu «valor científico e psicológico», por conter fotografias e descrições «chocantes e ofensivas da moral pública» (Informação de serviço n.º 124-DGI/GE de 1974).

Nem sempre, porém, a argumentação se afigura clara e objetiva. Disto serão ilustrativas as justificações com base em «ensinamentos eminentemente sexualistas ou fomentadores do sexualismo» (Rel. 6805/1961), ou porque a obra nos dá «bastas provas do desejo de obter a especulação» (Rel. 6892/1961).

Outros títulos como *Homossexualismo*, por Charles Fouqué, ou *Métodos práticos de impedir a concepção*, por Norman E. Himes, ambos submetidos

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

à censura em 1957, são proibidos sem qualquer justificação (Relatórios 5521 e 5824, respetivamente). Trata-se de uma situação recorrente, sempre que a obra era lida apenas pelo Diretor daqueles Serviços.

Casos há em que a proibição permitia exceções. Por exemplo, a obra *Tratamiento de la impotência sexual* foi proibida por revelar «um incentivo erótico». No entanto, o despacho superior determina que «não se pode estabelecer uma proibição absoluta», já que não pode «abranger os médicos, juristas e outros estudiosos cultos» (Rel. 6888/1961).

Alguns títulos foram à censura mais do que uma vez. É o caso de *A moral sexual e a felicidade na vida* (1936 e 1938) ou *La prostitucion* de Emma Goldman (1936 e 1937). As proibições mantiveram-se em ambos os casos.

Esta breve amostragem indica que os critérios sobre os quais assentavam as proibições deste tipo de obras não sofreram alterações significativas ao longo das décadas.

Dos 143 títulos proibidos, 99 não constam da Porbase, o que talvez indique que não chegaram a circular em Portugal, tanto no original como em tradução. Do total de títulos proibidos registaram-se, porém, 7 edições francesas e 1 inglesa, 21 em tradução brasileira (BRA) e 10 em tradução portuguesa (PRT), todas anteriores a 1974. Com data de 1974 ou posterior encontraram-se apenas 5 registos de traduções portuguesas (Gráfico 2).

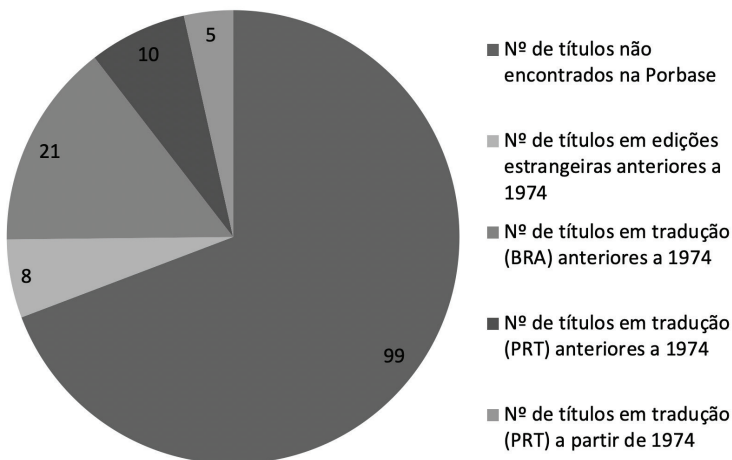


Gráfico 2 – N.º de títulos sobre sexologia proibidos pela Censura

Das traduções portuguesas anteriores a 1974, podemos detalhar o seguinte:

- encontraram-se 2 títulos em português, mas publicados em Buenos Aires, nomeadamente *O Erotismo e a Flagelação* por A. S. Vellilla, sem data precisa (19-- e proibido em 1936, e *O Factor Sexual no Divórcio* por Arthur Hays (193-), proibido em 1937. Nenhum deles indica nome do tradutor. O primeiro não tem relatório de leitura, tendo sido lido pelo Diretor. O segundo foi proibido por «apresentar ideias favoráveis ao divórcio e por ser bastante expressivo, por vezes, em matéria obscena» (Rel. 360/1937).
- *Filhos? Só quando se quiserem ter*, por Hélène Nangis, foi traduzido em Portugal por Pedro da Cunha⁶ e publicado em Lisboa (s.n.) em 1936. Foi proibido no ano seguinte, por se tornar «um agente perigoso do processo de evitar a procriação» (Rel. 381/1937).
- *A Cópula Preventiva*, por Claude Archambeau, é uma tradução de Carlos da Silva Carvalho publicada pela Emp. Literária Universal em 195-, proibida em 1952 por conter «imoralidades» (Rel. 4789/1952).
- *O Sexo e a Sociedade*, por Kenneth Walker e Peter Fletcher, foi publicado pela Europa-América em 1959 e em 1963, não obstante a sua proibição em 1961, «pela imoralidade que revela» (Rel. 6814/1961).
- *De La psychologie sexuelle* pelo Dr. Pierre Vachet, proibido também em 1960, existe registo de edição brasileira de 1938 e de edição portuguesa de 1970. A proibição foi proposta em 1960, por se tratar de «um género pretensamente científico», cuja leitura «só servirá para desviar da sanidade moral uma juventude já tão desviada do bom e são caminho por tantos e tão variados factores deseducativos» (Rel. 6711/1960).
- *De Fisiologia del sexo*, por Kenneth Walker, encontra-se tradução portuguesa de Ludgero Pinto Bastos publicada pela Editora Ulisseia em 1967; e *A Educação Sexual dos Adultos* por Roger Géraud, que foi publicado em 1970 pela Moraes Editores, em tradução de Luz Cary. A proibição do primeiro foi decretada em 1952, por não haver «qualquer vantagem em permitir a circulação deste livro». O segundo foi proibido na data de edição, por se tratar de «outro livro de sexualismo, a fingir que é um estudo sério acerca de sexualidade», «uma obra refinadamente sexualista, isto é: imoral [...]» (Rel. 8723/1970).

⁶ Pedro da Cunha é o nome constante da Porbase. O relatório da censura indica o «Dr. Pedro de Mendonça» como tradutor (Rel. 381/1937).

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

– O *Sexo sem Mistério*, por David R. Reuben, foi traduzido em 1969 por J. Fonseca e publicado por Livros do Brasil. É muito provável que tenha sido esta a edição censurada em 1972, com a seguinte argumentação: «[...] o autor perde-se em considerações sobre a frigidez impotência, homossexualidade perversões sexuais, etc. que ultrapassam o que um vulgar mortal deve saber e conhecer. Há muitos conhecimentos, tipicamente mórbidos [sic].» (Rel. 9352/1972). Esta tradução viria a ter várias edições posteriores a 1974.

– A edição brasileira de *História da Vida Sexual*, da autoria de Richard Lewinsohn, foi submetida à censura em 1960. No entanto, da Porbase não consta registo desta edição, mas sim de uma tradução portuguesa de 1972, da responsabilidade de Ramiro da Fonseca, publicada por Livros do Brasil. Foi proibida por se tratar de «uma obra de divulgação sexual, em que há muita imoralidade» (Rel. 6603/1960).

Quanto às traduções portuguesas com data de 1974 e 1975, encontrámos os seguintes títulos:

– *Le couple et ses caresses* por Pierre Valinief, censurado em 1974, tendo sido traduzido por Pilar Delvaux e publicado pelas Publicações Europa-América em 1975, com o título *Guia Íntimo das Relações Sexuais*.

– *Enciclopédia Ilustrada do Sexo*, por A. Willy e outros, que foi traduzido por Max Lavin e publicado por Livros do Brasil em 1974;

– *Os Invertidos*, por Armand Dubarry, foi submetido à Censura em 1939 (Rel. 956/1939) e posteriormente traduzido por Artur Miranda Lemos e publicado pela Portugal Press em 1975 com o título *Eu Sou Invertido*. Do relatório não consta justificação para a sua proibição, por ter sido apreciado pelo Diretor.

– *La révolution sexuelle*, por Wilhelm Reich, foi publicado em 1975 tanto em Portugal como no Brasil com o título *A Revolução Sexual*. Na Porbase encontra-se também registo da edição francesa de 1968, *La révolution sexuelle*, que terá sido a edição submetida à Censura em 1969. Deste tipo de obras, esta é paradigmática dos casos menos frequentes de proibição por razões de natureza político-ideológica e não apenas por questões de moralidade. O leitor considera-a como obra de «intencionalismo e tradução de propaganda comunista», uma vez que, na segunda parte, «envereda por más vias políticas, apresentando, sob aspectos exemplares, a revolução sexual e a legislação creadora, principalmente nas chamadas “Comunas de jovens”, não esquecendo as transigências

para com o aborto, o homossexualismo e todas as limitações da natalidade» (Rel. 8337/1969).

Pelos dados apurados, será lícito concluir que, no caso das obras de divulgação científica sobre sexologia, a censura parece ter sido relativamente eficaz, tendo em conta que não se encontram vestígios na Porbase de uma percentagem significativa (cerca de 69%) das obras submetidas àqueles serviços. Não obstante, antes de 1974 ainda terão circulado 27,3% das obras proibidas, quer em edições estrangeiras quer em traduções portuguesas e brasileiras, constituindo estas a maior percentagem – 14,7% (ver Gráfico 3).

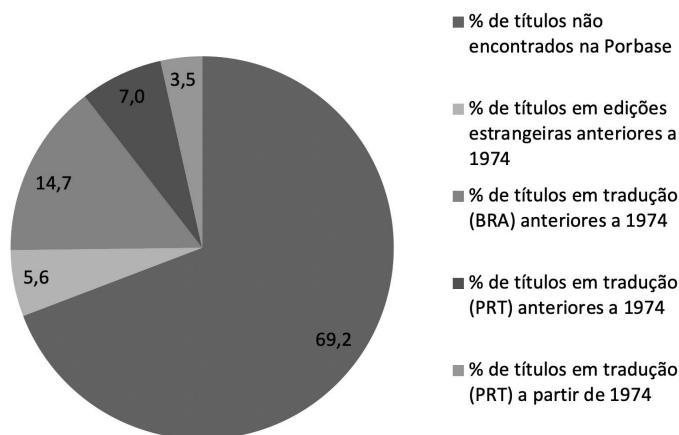


Gráfico 3 – Percentagem de títulos sobre sexologia proibidos pela Censura

4. Literatura de cariz erótico-sexual

Neste segmento, constituem o nosso *corpus* de análise 844 títulos proibidos pela Censura entre 1934 e 1974. Tal como no caso das obras de divulgação científica de sexologia, possivelmente pelas mesmas razões atrás apontadas e pela muito maior afluência de livros estrangeiros, as décadas com o maior número de proibições são as de 1950 e de 1960. Também neste caso é a década de 1940 que regista o menor número de títulos proibidos. Ao contrário das obras de divulgação científica, a década de 1960 regista menos proibições do que a década anterior (ver Gráfico 4).

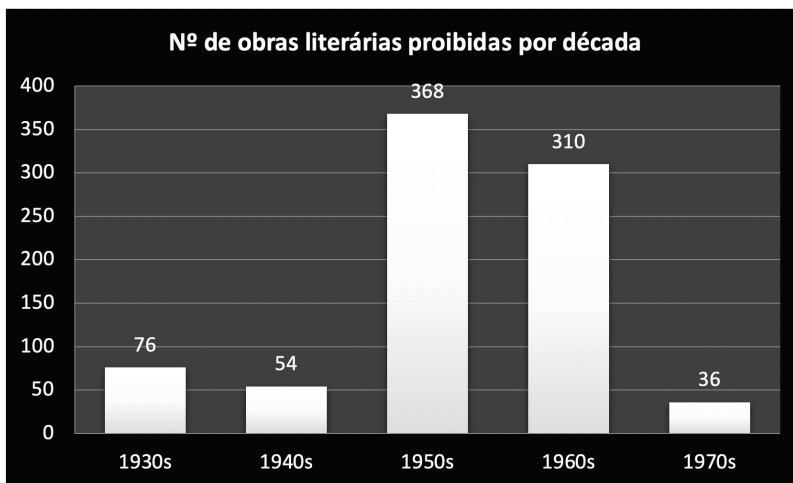


Gráfico 4 – Número de obras literárias proibidas por década

Tal como referido em estudos anteriores, são de diversa ordem as razões aduzidas pelos censores para proporem a proibição a este tipo de obras: imoralidade ou «amoralidade depravada» (Rel. 5090/1953); linguagem imprópria, «desbragada» (Rel. 167/1936), «obscena, escatológica mesmo» (Rel. 8216/1968); apologia do comunismo; apologia da «igualdade de direitos para ambos os sexos» (Rel. 5692/1956); «ultraje à moral pública» (Inf. 60/1974); natureza antirreligiosa ou antimilitarista; «erotismo e dissolução de costumes» (Rel. 5081/1953); sensualismo; pornografia; luxúria; descrições «demasiado realistas» (Rel. 940/1939); sentido antissocial.

Em alguns casos é possível inferir uma certa hierarquização dos motivos que levavam à proibição. Paradigmática é a apreciação feita a *El amor en los soviets* de Louis-Charles Royer⁷, onde se pode ler que «contém algumas passagens escabrosas. O livro é, porém, muito sugestivo na sua propaganda contra os métodos bolchevistas, e, sendo bem escrito e muito interessante, julgo que o mal dessas passagens em que a moral é um tanto sacrificada, é compensado pelas vantagens da propaganda política». (Rel. 80/1934)

Curiosamente, uma escrita mais cuidada pode constituir igualmente motivo de proibição. Por exemplo, *Du soleil plein de coeur*, por Simone Téry, é proibido não só por fazer a apologia do comunismo, mas também por estar «bem

⁷ Louis-Charles Royer foi um dos autores com maior número de títulos proibidos pela Censura.

escrito e feito por pessoa de fina sensibilidade e com tal espírito de compreensiva humanidade que o leitor é prontamente seduzido, especialmente se for moço!». (Rel. 4148/1949)

Simone de Beauvoir merece referência especial, pois foi sistemática e ferozmente proibida pela Censura. Pela leitura dos relatórios respeitantes a esta autora, dir-se-ia que Beauvoir congregava em si tudo o que pudesse existir de mais reprovável numa escritora. É recorrente a referência ao facto de ser a «companheira de Jean-Paul Sartre. Companheira em todo o sentido», a ele ligada «até na sua ideologia política» (Rel. 7066/1962), como se tal, só por si, fosse razão suficiente para a sua proibição. Por essa razão a autora é considerada de «índole comunista», além de que, ao pugnar pela liberdade da mulher, apresenta «uma série de conceitos de ordem existencialista» (Rel. 6693/1960); é uma «imoral ou amoral escritora vanguardista» (Rel. 7029/1962), uma «escritora indesejável» (Rel. 7139/1962), que usa constantemente «termos licenciosos» (Rel. 6693/1960), e em cujas obras se encontra o «mais solto sensualismo até ao homo-sexualismo», bem como uma «intrínseca e refinada imoralidade» (Rel. 7029/1962). Mesmo num caso em que o leitor se mostra mais condescendente, sugerindo que não se proíba a obra com base «numa meia página» onde se descreve «uma cena amorosa mais viva», como é o caso de *Todos os homens são mortais*, o despacho superior não deixa dúvidas quanto à proibição: «A autora não merece procedimento favorável. Só o seu nome e a sua restante obra inspiram e justificam o maior rigor», pode ler-se no Rel. 7209/1965. Não obstante, *Djamila Boupacha* chegou a ser publicado em Portugal em 1962, pela Portugália Editora, numa tradução de Maria José Marinho. Circularam ainda versões brasileiras e francesas de outras obras da autora⁸.

Do total de 844 títulos, 523 não constam da Porbase, o que equivale a 61,8% das obras proibidas.

No entanto, anteriores a 1974, encontram-se bastantes registos: 58 títulos em francês; 4 em inglês; 3 em espanhol, um dos quais publicado no México e outro na Argentina; 2 em italiano; 40 em tradução brasileira e 183 traduções portuguesas. Importa esclarecer que algumas das edições não portuguesas, sobretudo brasileiras e francesas, coexistiram com as traduções nacionais. Estas contagens poderão indicar que, não obstante a proibição imposta, terão

⁸ Para mais informação sobre Simone de Beauvoir e a Censura, veja-se Teresa Seruya 2010a.

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

circulado cerca de 8,5% destas obras em versões não portuguesas antes de 1974. A percentagem de traduções portuguesas anteriores a 1974 e das quais existe registo cifra-se em cerca de 21,6%. Se adicionarmos este valor ao dos títulos em versões estrangeiras, concluímos que, de uma forma ou outra, terão circulado, antes da Revolução de 1974, perto de 30% das obras proibidas.

De todas as obras proibidas em quarenta anos de censura, contabilizámos apenas 38 traduzidas e publicadas pela primeira vez em Portugal a partir de 1974, o que representa aproximadamente 4,5% das obras literárias proibidas pela Censura. No entanto, 14 destas obras terão circulado antes de 1974 em versões brasileiras, francesas ou inglesas. (Ver Gráficos 5 e 6).

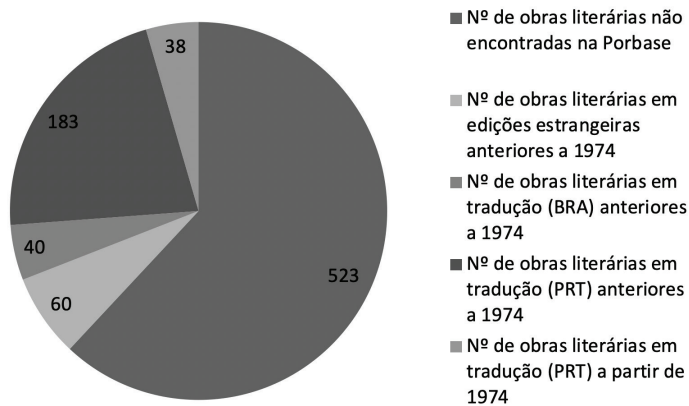


Gráfico 5 – Número de obras literárias proibidas pela Censura

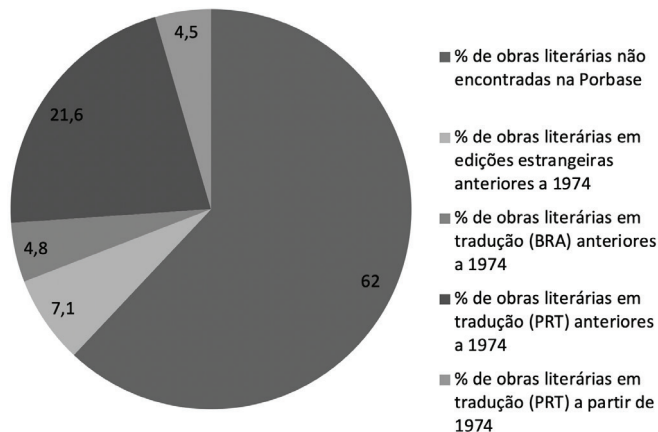


Gráfico 6 – Percentagem de obras literárias proibidas pela Censura

Como foi referido noutros estudos, a censura fazia-se, na esmagadora maioria dos casos, *a posteriori*. Este facto explica, pelo menos em parte, que um número considerável de obras tivesse circulado, não obstante a sua proibição. Casos houve em que certas obras foram proibidas depois de estarem acessíveis durante um largo número de anos. Refira-se, a título de exemplo, a obra *Fome* de Knut Hamsun, da qual existe registo de uma versão francesa de 1928, e que só em 1953 foi proibida (Rel. 4996/1953); ou o título *Anarchistes* de John-Henry Mackay, de 1892, que foi proibido em 1940, encontrando-se até registo de tradução portuguesa de 1909. O próprio leitor tem presente tratar-se de «uma edição antiga», mas considera que é «um elemento de propaganda de doutrinas marxistas» (Rel. 1146/1940). Da mesma forma, uma obra datada de 1865 e publicada em Londres, *The Penguin Book of Russian Verse*, organizado por Dimitri Obolensky, é proibida em 1962 por incluir autores «que dedicaram a sua obra aos louvores da revolução comunista e do comunismo» (Rel. 7250/1962). Ou ainda *Les nouvelles créations* de Bonaventure de Périers, de 1858, proibido em 1956, por se tratar de uma «“obra-prima” do sensualismo mais requintadamente imoral» (Rel. 5528/1956).

A tabela seguinte (Tabela 1) apresenta os 38 títulos proibidos pela Censura e publicados pela primeira vez em Portugal a partir de 1974.

Tabela 1 – Títulos proibidos pela Censura e publicados pela primeira vez em Portugal a partir de 1974

Ano	Título	Autor	Tradutor	Local e Editora
1974	<i>A Metade do Céu</i>	Claudie Broyelle	Prometeu	Lisboa: Maria da Fonte
1974	<i>Lolita</i>	Vladimir Nabokov	Fernanda Pinto Rodrigues	Mem Martins: Europa-América
1974	<i>Pablo Neruda</i>	Jean Marcenac	António Carmo Pereira	Porto: Paisagem
1974	<i>Trotsky</i>	Victor Serge	Mascarenhas Barreto	Lisboa: Aster
1975	<i>A Idade da Razão</i>	Jean-Paul Sartre	Sérgio Milliet	Lisboa: Círculo de Leitores
1975	<i>As Damas Galantes</i>	Pierre de Brantôme	Luísa N. Jorge e M. João Gomes	Lisboa: Arcádia
1975	<i>Assim Foi Temperado o Aço</i>	Nikolai Ostrovski		Porto: A Opinião

A Revolução e os livros censurados no Estado Novo

Ano	Título	Autor	Tradutor	Local e Editora
1975	<i>Morrer em Madrid</i>	Madeleine Chapsal	M. da Piedade Ferreira	Lisboa: Bertrand
1975	<i>O Amante de Lady Chatterley</i>	D.H. Lawrence	António R. Salvador	Lisboa: Delfos
1975	<i>O Segundo Sexo</i>	Simone de Beauvoir	Sérgio Milliet	Amadora: Bertrand
1975	<i>Os Cento e Vinte Dias de Sodoma</i>	Marquês de Sade	Manuel João Gomes	Lisboa: Arcádia
1975	<i>Sexus</i>	Henry Miller	Adelino dos Santos Rodrigues	Lisboa: Livros do Brasil
1976	<i>A Força da Idade</i>	Simone de Beauvoir	Maria Auta Monteiro	Amadora: Bertrand
1976	<i>A Orquestra Vermelha</i>	Gilles Perrault		Porto: Editorial Inova
1976	<i>As Leprosas</i>	Henry de Motherlant	Adelino dos Santos Rodrigues	Mem Martins: Europa-América
1976	<i>Os Mandarins</i>	Simone de Beauvoir	Alexandre Neves	Amadora: Bertrand
1977	<i>A Felicidade</i>	Piotr Pavlenko		Lisboa: Maria da Fonte
1977	<i>A Torrente de Ferro</i>	Aleksandr Serafimovich		Lisboa: Maria da Fonte
1977	<i>A Vénus das Peles</i>	Sacher-Masoch	José Valentim Lemos	Lisboa: Círculo de Leitores
1977	<i>Plexus</i>	Henry Miller	Fernanda Pinto Rodrigues	Lisboa: Livros do Brasil
1977	<i>Sol sobre o Rio Sangkan</i>	Ting Ling		Lisboa: Maria da Fonte
1978	<i>A Força das Coisas</i>	Simone de Beauvoir	Amélia Petinga e M. Castro Caldas	Amadora: Bertrand
1978	<i>Entre Dois Mundos</i>	Anna Louise Strong		Lisboa: Maria da Fonte
1978	<i>Memórias de Casanova</i>	Giacomo Casanova de Seingalt	Luís Cajão	Lisboa: Palas Editores
1978	<i>Os Mortos Permanecem Jovens</i>	Anna Seghers		Lisboa: Maria da Fonte

Ano	Título	Autor	Tradutor	Local e Editora
1979	<i>O Grande Norte</i>	Ticon Siomuchequine		Lisboa: Maria da Fonte
1981	<i>Nexus</i>	Henry Miller	Fernanda Pinto Rodrigues	Lisboa: Livros do Brasil
1982	<i>A Paixão de Sacco e Vanzetti</i>	Howard Fast	Paulo Costa	Lisboa: Caminho
1986	<i>Com o Diabo no Corpo</i>	Raymond Radiguet	Guilherme de Castilho	Lisboa: Contexto
1987	<i>O Mundo do Sexo e Outros Textos</i>	Henry Miller	Ana L. Faria e Miguel S. Pereira	Lisboa: Dom Quixote
1989	<i>A Convidada</i>	Simone de Beauvoir	Miguel Serras Pereira	Lisboa: Dom Quixote
1990	<i>Os Bairros Elegantes</i>	Louis Aragon	Carlos Porto	Lisboa: Caminho
1991	<i>Obras Escolhidas</i>	V. Maiakovski e outros		Moscovo: Lit. de Ficção
1997	<i>As Bandeiras nas Torres</i>	Anton Makarenko	M. Rodrigues Martins	Lisboa: Livros Horizonte
2000	<i>O Sofá</i>	Crébillon Fils	L. de Almeida Campos	Lisboa: Universitária
2001	<i>Um Certo Sorriso</i>	Françoise Sagan	Helena Sacadura Cabral	Lisboa: Oficina do Livro
2007	<i>As Uvas e o Vento</i>	Pablo Neruda	Albano Martins	Porto: Campo das Letras
2008	<i>Fome</i>	Knut Hamsun	Liliete Martins	Lisboa: Cavalos de Ferro

5. Considerações finais

Os dados obtidos na presente investigação permitem confirmar alguns dos resultados conhecidos de outros estudos, nomeadamente o facto de a malha da censura ao livro ser suficientemente larga para permitir a circulação de certas obras estrangeiras proibidas, quer nas versões originais, quer em traduções. Como se vê, não obstante as proibições, encontram-se registos

de cerca de 27% das obras de divulgação científica sobre sexologia e de 30% das obras literárias que, de uma forma ou outra, estiveram acessíveis aos leitores portugueses nas mais variadas formas (circulação de mão em mão, venda direta em livrarias, etc.).

No entanto, se, por um lado, se confirma que as traduções brasileiras tiveram algum peso na disseminação das obras sobre sexologia (21%) durante o período em estudo, por outro, não deixa de ser surpreendente a menor relevância destas traduções no caso das obras literárias (4,8%), em detrimento das traduções portuguesas, cujo peso se cifra em 21,6%. Esperar-se-ia um número mais significativo de traduções brasileiras no caso das obras literárias, uma vez que, tal como explica Ana Teresa Santos no seu artigo «Bound by translation» (2017), o Brasil ocupava uma posição privilegiada na disseminação da literatura estrangeira, em muitos casos proibida, em Portugal.

Um dado surpreendente prende-se com a percentagem mínima, quer de obras sobre sexologia (3,5%) quer de obras literárias (4,5%) proibidas pela ditadura e publicadas após a Revolução dos Cravos. Seria de esperar que, uma vez abolida a Censura, se verificasse um maior interesse na publicação destas obras proibidas.

Ter-se-ão tornado desatualizadas ou obsoletas? Perderam o seu interesse ao deixarem de ser proibidas, dando razão ao velho ditado popular segundo o qual «o fruto proibido é o mais apetecido»?

Os dados obtidos através da base de dados *Intercultural Literature in Portugal. A Critical Bibliography 1930-2000* revelam que, depois de 1974, se verificou uma proliferação da literatura erótica traduzida no nosso país. Como exemplo, atente-se nos seguintes títulos de coleções: «Eros», «Histórias sensuais», «Mestres do Erotismo» e «Volúpia», publicadas pela Portugal Press; «Erótica» e «Sexologia e erótica» por Livros do Brasil, e «Jogos de amor» e «Malícia» pela editora A.E, ou ainda «Clássicos eróticos» pelas Edições P. P. Estas coleções atestam que o interesse pela literatura erótica não esmoreceu depois da Revolução de 1974, muito pelo contrário. No entanto, parecem justificar a ideia de que a grande maioria das obras e dos autores proibidos pela ditadura acabaram, de facto, por perder o interesse das editoras e do público leitor.

Como referimos logo no início, o presente estudo circunscreve-se às obras de carácter científico sobre sexologia e de literatura erótica por uma questão de equidade. Seria interessante, porém, saber que resultados se poderiam

obter ao proceder a idêntico estudo relativo às obras de carácter político-filosófico, por exemplo. Poderá constituir matéria para futura investigação.

Bibliografia citada

- CECC AND CEAUL/ULICES. 2010. Intercultural Literature in Portugal 1930-2000: A Critical Bibliography, 2018 last update. (Open-access data-base: <http://www.translatedliteratureportugal.org>; acedido em 25.02.2018).
- SANTOS, Ana Teresa Marques dos. 2017. «Bound by translation», *The Age of Translation. Early 20th-Century Concepts and Debates*, Maria Lin Moniz and Alexandra Lopes (eds.). Frankfurt am Main: Peter Lang, 133-151.
- SERUYA, Teresa. 2006. «Zur Koexistenz von nationaler Kultur und internationaler Literatur unter dem *Estado Novo* Salazars», *Übersetzen – Translating – Traduire: Towards a “Social Turn”?*, Michaela Wolf (ed.). Wien: LIT Verlag, 317-328.
- SERUYA, Teresa. 2010a. «O poder dissolvente da tradução: Simone de Beauvoir na censura portuguesa», *Simone de Beauvoir. Olhares sobre a Mulher e o Feminino*, Isabel Capelo Gil e Manuel Cândido Pimentel (org.). Lisboa: Nova Vega, 213-237.
- SERUYA, Teresa. 2010b. «Translation in Portugal during the *Estado Novo* regime», *Translation under Fascism*, Christopher Rundle and Kate Sturge (eds.). UK: Palgrave Macmillan, 117-144.
- SERUYA, Teresa e Maria Lin Moniz. 2008. «Foreign books in Portugal and the discourse of Censorship in the 1950s», *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*, Teresa Seruya and Maria Lin Moniz (eds.). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 3-20.
- SERUYA, Teresa e Maria Lin Moniz. 2013. «A eficácia da censura ao livro no Estado Novo», comunicação apresentada no congresso internacional sobre *Censura ao Teatro e ao Cinema*, Universidade Nova de Lisboa, 13-15 de Novembro.
- SERUYA, Teresa e Maria Lin Moniz. 2015. «As literaturas eslavas em Portugal durante o Estado Novo: ensaio bibliográfico», *IberoSlavica – Special issue: Translation in Iberian-Slavonic Cultural Exchange and Beyond*, Teresa Seruya e Hanna Pięta (eds.). Lisboa: CompaRes/CLEPUL, 131-150.